ISSN: 2358-8829

QUANDO A EMOÇÃO EDUCA PARA A INCLUSÃO: VIVÊNCIAS FORMATIVAS DE PIBIDIANAS

Ana Paula Soares de Lima [1]
Hellen Sabryna dos Santos Barbosa [2]
Ana Mércia Soares Benjamim[3]
Tatiana Cristina Vasconcelos [4]

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço de aprendizagem, convivência e construção de vínculos, no qual crianças com diferentes modos de ser, aprender e se expressar compartilham experiências. Nesse contexto, o processo educativo não se restringe à transmissão de conhecimentos, pois envolve dimensões afetivas, sociais e culturais que atravessam o desenvolvimento infantil. A educação emocional, compreendida como possibilidade de reconhecer, expressar e dialogar sobre sentimentos, pode favorecer a escuta, a empatia e a construção de relações respeitosas no cotidiano escolar.

Essa discussão articula-se à educação inclusiva, entendida como compromisso com o acesso, a participação e a aprendizagem de todas as crianças. Mais do que promover atitudes individuais de acolhimento, uma prática inclusiva requer identificar barreiras à participação e reorganizar relações, atividades e estratégias pedagógicas. Assim, a valorização das emoções e das diferenças pode integrar ações coletivas voltadas à convivência e ao pertencimento, sem substituir as condições institucionais necessárias à inclusão.

Na formação inicial docente, essa articulação ganha relevância quando licenciandas vivenciam situações concretas da escola e examinam criticamente suas escolhas pedagógicas. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) favorece o diálogo entre universidade e educação básica, proporcionando oportunidades de observação, planejamento, intervenção e reflexão sobre o trabalho

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual – UEPB, anapaulasoaresdelima@gmail.com;
[2] Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEPB, hellensabryna13@gmail.com;
[3] Graduanda Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEPB, ana.benjamim@aluno.uepb.edu.br;
[4] Tatiana Cristina Vasconcelos: Doutora em Educação (ProPEd/UERJ), Professora Associada (CEDUC/UEPB) Coordenadora do PIBID – Pedagogia UEPB., tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br;

docente, inclusive diante das demandas relacionais e inclusivas presentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Este estudo tem como objetivo analisar vivências formativas de pibidianas relacionadas à educação emocional e à inclusão, desenvolvidas com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Trata-se de uma investigação qualitativa, apoiada em registros reflexivos das autoras sobre rodas de conversa, dinâmicas, exercícios de atenção e relaxamento, atividades lúdicas e momentos de diálogo sobre sentimentos, empatia, respeito e convivência. Entre as propostas, destaca-se a construção coletiva da "Árvore do Acolhimento", utilizada para mobilizar reflexões sobre atitudes inclusivas.

Ao examinar essas experiências, busca-se compreender tanto as possibilidades pedagógicas do trabalho com as emoções quanto suas contribuições para a formação das licenciandas. O foco recai sobre os sentidos atribuídos às interações observadas, sem pressupor mudanças duradouras no comportamento das crianças a partir de atividades pontuais.

METODOLOGIA

A investigação configura-se como estudo qualitativo de campo, de caráter descritivo e reflexivo, vinculado às atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O campo de experiências foi uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, na qual as autoras participaram do cotidiano pedagógico e desenvolveram atividades relacionadas à educação emocional e à convivência inclusiva.

O material de análise foi constituído por registros reflexivos produzidos pelas pibidianas e por anotações referentes às atividades realizadas com as crianças. As propostas envolveram rodas de conversa, dinâmicas coletivas, práticas breves de atenção e relaxamento, brincadeiras e discussões sobre sentimentos e respeito às diferenças. Entre elas, a "Árvore do Acolhimento" reuniu ideias das crianças acerca de atitudes de cuidado, ajuda mútua e participação dos colegas nas atividades compartilhadas.

A análise foi desenvolvida mediante leitura interpretativa dos registros, considerando as interações observadas, as manifestações das crianças e as reflexões das licenciandas sobre a mediação pedagógica. Foram privilegiados dois eixos: as possibilidades de diálogo sobre emoções e convivência e as aprendizagens construídas

pelas pibidianas em sua formação inicial. Por se tratar de uma experiência situada, os resultados expressam percepções das participantes e não permitem generalizações sobre efeitos das atividades.

EDUCAÇÃO EMOCIONAL

A educação emocional reconhece que sentimentos e relações sociais participam das experiências escolares. Seu trabalho pedagógico deve favorecer expressão, escuta e diálogo, sem prescrever respostas emocionais uniformes. Vazan e Gualtieri (2025) situam essas práticas entre possibilidades educativas e desafios concretos da escola.

Na perspectiva walloniana discutida por Tassoni e Leite (2013), a afetividade participa das relações de ensino e aprendizagem. Por isso, gestos de acolhimento e escuta precisam integrar uma mediação pedagógica atenta às singularidades, e não ser tratados como atividades isoladas.

A educação inclusiva pressupõe acesso, participação e aprendizagem de todas as crianças, mediante identificação e enfrentamento de barreiras pedagógicas, comunicacionais e atitudinais. O acolhimento integra esse compromisso, mas não substitui a organização de apoios e oportunidades efetivas de participação.

Diferentemente da lógica de integração, centrada na adaptação do estudante à estrutura existente, a inclusão exige que a escola reveja práticas e condições que dificultam a participação. Essa compreensão desloca o foco de características individuais para as relações e barreiras presentes no contexto educativo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Lei Brasileira de Inclusão asseguram fundamentos para a educação inclusiva e para os apoios necessários à escolarização (Brasil, 1996; 2015). O direito à educação, portanto, requer práticas concretas de acesso, participação e aprendizagem, além de atitudes de respeito.

Nesse horizonte, a educação emocional pode favorecer a reflexão sobre como as ações de cada criança repercutem na vida coletiva. Empatia e cooperação ganham sentido inclusivo quando se relacionam ao direito de participar, brincar e aprender com os colegas, sem substituir a responsabilidade institucional pela eliminação de barreiras.

No PIBID, a inserção de licenciandas nas escolas favorece a articulação entre universidade e educação básica, aproximando observação, planejamento e reflexão sobre a docência (CAPES, 2024). Assim, situações cotidianas, como compartilhar materiais ou

participar das brincadeiras, tornam-se oportunidades para problematizar relações e práticas pedagógicas.

A reflexão sobre os registros das atividades permite às pibidianas examinar sua mediação e reconhecer que o trabalho com emoções envolve decisões pedagógicas, escuta e atenção às diferenças. Dessa forma, a experiência escolar pode contribuir para uma formação inicial crítica e comprometida com a inclusão. A análise das vivências, portanto, exige perguntar não apenas se houve acolhimento, mas quem participou, como a atividade foi mediada e quais condições poderiam ampliar a participação de todas as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros das vivências no PIBID apontaram oportunidades de expressão e diálogo nas rodas de conversa, dinâmicas e demais propostas relacionadas às emoções e à convivência. O caráter coletivo das atividades permitiu abordar sentimentos e atitudes não como atributos isolados de cada criança, mas como aspectos das relações construídas na turma. Esse resultado aproxima-se das discussões de Tassoni e Leite (2013) sobre a presença da afetividade nas interações educativas. Os registros, entretanto, documentam situações vivenciadas, sem permitir mensurar mudanças duradouras no comportamento infantil.

Entre as ações relatadas, a construção da "Árvore do Acolhimento" ofereceu um eixo concreto para a discussão sobre inclusão. Durante a atividade, as crianças mencionaram ajudar os colegas, brincar juntas, dividir materiais e não excluir ninguém das brincadeiras. Essas referências, registradas pelas pibidianas, situam o cuidado e o respeito em experiências reconhecíveis pelas próprias crianças. A atividade também contou com momentos de colaboração, evidenciando a pertinência de trabalhar a convivência por meio de propostas compartilhadas.

A leitura das atitudes citadas pelas crianças permite distinguir três dimensões da experiência: ajuda e compartilhamento de materiais, participação nas brincadeiras e reconhecimento do colega como integrante do grupo. As duas primeiras dizem respeito a ações de cooperação; a terceira aproxima-se diretamente da questão inclusiva, pois desloca a reflexão para situações em que alguém pode ser deixado de fora. Esse movimento interpretativo não significa que as crianças tenham superado práticas de exclusão, mas indica que o tema pôde ser discutido a partir de seu cotidiano.

As rodas de conversa e a “Árvore do Acolhimento” também permitem pensar a mediação pedagógica como condição para que a educação emocional não se limite à nomeação de sentimentos. A partir dos registros disponíveis, o aspecto mais relevante não é a existência de uma dinâmica específica, e sim a possibilidade de relacionar sentimentos a escolhas, interações e responsabilidades compartilhadas. Nessa direção, reconhecer emoções e discutir convivência podem integrar uma proposta inclusiva, desde que acompanhadas de ações sistemáticas de participação e enfrentamento de barreiras.

Para a formação das pibidianas, as vivências constituíram material de reflexão sobre o planejamento e sobre a escuta das crianças. Ao registrar situações de cooperação e as manifestações do grupo, as licenciandas puderam interrogar a própria prática, aproximando os conhecimentos da universidade das demandas reais da escola. Trata-se de uma contribuição formativa observável nos registros reflexivos, não de evidência suficiente para afirmar mudanças permanentes nas crianças ou na cultura institucional.

Por fim, a análise apresenta limites importantes: as evidências concentram-se nas atividades descritas e nas anotações das próprias participantes, sem falas transcritas integralmente das crianças, indicadores de acompanhamento ou comparação sistemática entre momentos. Assim, os resultados sustentam a relevância pedagógica das oportunidades de diálogo e cooperação observadas, mas não demonstram efeitos causais da intervenção. O aprofundamento dessas questões dependeria de registros mais sistemáticos e do acompanhamento das práticas ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência permite destacar que a educação emocional, quando articulada à perspectiva inclusiva, pode criar oportunidades de diálogo sobre sentimentos, relações e participação no cotidiano escolar. As atividades desenvolvidas no âmbito do PIBID, especialmente a “Árvore do Acolhimento”, mobilizaram reflexões das crianças sobre atitudes de ajuda, respeito e pertencimento. Essas manifestações são relevantes como registros de uma vivência pedagógica situada, embora não permitam afirmar transformações duradouras na convivência escolar.

Para as pibidianas, a experiência evidenciou a necessidade de planejar e analisar intervenções que considerem simultaneamente as dimensões afetivas, pedagógicas e sociais da aprendizagem. A aproximação entre universidade e escola favoreceu a reflexão sobre o papel mediador da docência e sobre a importância de enfrentar barreiras à

participação, para além do incentivo à empatia. Como limites, destacam-se o caráter pontual das atividades e a utilização de registros reflexivos das próprias participantes, sem acompanhamento longitudinal das crianças. Conclui-se que o trabalho com as emoções pode integrar práticas inclusivas quando vinculado a ações pedagógicas continuadas, à garantia de direitos e à reflexão coletiva sobre a realidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Presidência da República, 2025

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Brasília, DF: CAPES, 2024.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. Educação, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 262-271, maio/ago. 2013.

VAZAN, Marina Cristina; GUALTIERI, Mirella. Entre diretrizes e o cotidiano: desafios e possibilidades da educação socioemocional nas escolas brasileiras. Observatório de la Economía Latinoamericana, [S. l.], v. 23, n. 10, p. e12050, 2025.